1$500

RIO DE JANEIRO
19 DE MARÇO
1932

Nº 692

PARA TODOS...

Para clarear os dentes e desinfectar a bocca
O melhor meio de limpar e clarear os dentes é o uso da PASTA ODOL.
A PASTA ODOL deixa os dentes alvos sem atacar o esmalte, visto ser composta de substancias macias e não crystalisadas.
A completa hygiene da bocca, porém, não se satisfaz com a simples limpeza dos dentes.
Impõe-se o uso diario de um elixir que evite a carie e desinfecte a mucosa.
O LIQUIDO ODOL e o melhor elixir dentifricio do mundo, pois suas virtudes principaes são justamente as de evitar a carie, desinfectar e refrescar a bocca, fortalecer as gengivas, dissolver as pedras [tartaros] e perfumar o halito.
KOHOUT NEW YORK
ODOL

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

Joaquim e Fernando filhos do casal José Lacerda

Os Novos Volumes da
Collecção PARA TODOS
Rafael Sabatini (O Dumas moderno) A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD
Edgar Wallace - O LEÃO DA BOLSA
" " - UM PERFIL NA SOMBRA
Elinor Glyn - MACHO E FEMEA
E. M. Hull - O FILHO DO SHEIK
P. C. Wren - BEAU SABREUR
A melhor serie de romances, dos mais interessantes autores do mundo.
AMOR...
MYSTERIO...
5$
Brochura
Encadernado
7$
HISTORIA...
AVENTURA...
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
RAFAEL SABATINI
A Volta do Capitão Blood
P. C. WREN
BEAU SABREUR
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
O FILHO DO SHEIK
E. M. HULL
EDGAR WALLACE
Leão da Bolsa
EDGAR WALLACE
Um Perfil na Sombra
MACHO E FEMEA
ELINOR GLYN
VOLUMES JA PUBLICADOS:
RAFAEL SABATINI (O Dumas moderno) O Principe Romantico
Scaramouche
O Gavião do Mar
O Capitão Blood
BARONEZA ORCZY O Pimpinella Escarlate
Novas Aventuras do Pimpinella Escarlate
A Victoria do Pimpinella
Eu me vingarei
O Tyranno
Eldorado
EDGAR WALLACE O Homem de Marrocos
O Commandante de Almas
O Milhão Perdido
O Gabinete No. 13
E. M. HULL O Sheik
E. BARRINGTON A Divina Dama
P. C. WREN Beau Geste
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26 e 28 — CAIXA POSTAL, 2734 — SÃO PAULO

PARA-TODOS...

Goethe

LUIS MARTINS

ELLE fez do Homem alguma coisa de divino.

Ansiou sempre a Belleza, dolorosamente.

Fausto deu a alma por um pouco de juventude apaixonada. E fez resurgir do silencio millenar dos tumulos a sombra de Helena, para o seu amor.

"Werther", muito antes do prefacio de "Cromwell", abriu caminho para os romanticos.

Amou Schiller, cuja morte foi, para Gœthe, como "se tivesse perdido a metade delle mesmo".

Fez a ballada do Rei de Thule e estudou as plantas, intervindo na luta scientifica de Saint-Hilaire e Cuvier.

Reviveu, nos *Lieds*, a poesia lyrica de seu paiz, que os *minesinger* cantavam, desde a Edade Média, na belleza heroica dos *Niebelungen*...

Mas nada disso seria a consagração, se João —Wolfgang Gœthe, o maior poeta da Allemanha, maior que Klopstock e do que Schiller, não tivesse tido, antes do "Luz! Ainda mais luz!", a opinião definitiva de Napoleão, do alto da sua gloria e de suas esporas:

— "O senhor é um homem, senhor Gœthe..."

EM TORNO

CHRISTIANA VULPIUS, nascida em Weimar no dia 1.º de Junho de 1765, contava vinte e tres annos quando seu irmão — um romancista que teve a sua hora de celebridade — encarregou-a em Junho de 1788, de apresentar uma petição a Gœthe. O encontro teve logar no parque de Weimar e a entrevista foi decisiva para os dois. A belleza resplandecente, a mocidade, a graça natural daquella morena de cabellos abundantes e curtos (não as longas tranças loiras imaginadas por Blaze de Bury), a franqueza e a alegria dos bellos olhos encantaram Gœthe e tiveram o dom de prendel-o.

Em Dezembro de 1789, Christiana deu-lhe um filho. Pouco depois desse nascimento, Gœthe installou Christiana na casa, onde acolheu mais tarde uma tia e uma irmã dessa que considerou sempre, segundo as proprias expressões, como sua mulher. Esse assumpto, posto em duvida por certos biographos insufficientemente documentados, é confirmado com nitidez numa carta escripta a Schiller. No dia do baptisado do segundo filho de Schiller, Gœthe escreveu-lhe:

"Eu tambem celebro hoje uma data importante: é o oitavo anniversario do meu casamento e o setimo da Revolução franceza."

Seria longo ennumerar aqui os motivos que fizeram retardar até 19 de Outubro de 1806, a legitimação dessa união.

Depois dessa cerimonia Christiana Vulpius, transformada em "Senhora conselheira de Gœthe", continuou como sempre fôra, uma mulher modesta e devotada, uma esposa ternamente e fielmente ligada ao grande homem.

Atiremos um véo sobre os ataques de que Christiana foi objecto emquanto viveu, sobre os epitetos de "cosinheira", de "governante", de "mulher inculta", sobre as accusações injuriosas e injustificadas de embriaguez, de má conducta, sobre os termos vulgares que Madame de Stein e, mais tarde, Bettina Brentano, envenenadas por ciumes, ferozes, não se envergonhavam de empregar. Vejamos alguns testemunhos de uma authenticidade indiscutivel, as cartas de Gœthe de 1788 a 1816, as de sua mãe de 1792 a 1808, uma de Henriqueta Schlosser, a sobrinha do poeta, as reflexões dos intimos da casa, como Riemer, dos amigos do poeta, como Ruebel e sua mulher, emfim as obras de Gœthe inspiradas por Christiana.

A imagem que se desprende de todos esses documentos é sorridente e sympathica, commovente mesmo por vezes.

O "Jornal" de Gœthe, tão minucioso (13 volumes da edição de Weimar) apresenta uma lacuna significativa de 1788 a 1790: os povos felizes não têm historia — e em 17 de Outubro de 1790 encontram-se duas palavras eloquentes na sua singeleza.

"Amor e coragem".

Nos "Annaes", Gœthe diz, em 1790, que "condições domesticas agradaveis" lhe dão a "coragem e as disposições necessarias para terminar as "Elegias romanas" e os "Epigrammas venezianos", e 1791 é, para elle, "um anno calmo, passado todo na sua casa e na sua cidade".

A sua correspondencia, de 1788 a 1816 (tomos IX a XXVII da correspondencia completa) contem bilhetes e cartas innumeros dirigidos á Christiana durante as suas viagens (Veneza, Francfort, Breslau, provincias da França, sitio de Mayence) e durante os rapidos repousos feitos em Iéna, afim de conseguir a calma, a solidão, o recolhimento indispensaveis para o acabamento das suas obras (Wilhelm Meister, Hermann e Dorothée, as Affinidades electivas, etc.), e tambem quando fazia estações de cura em Pyrmont, Carlsbad e Marienbad.

COM 16 ANNOS

Sempre apparece sensivel o amor pela mulher e a ternura pelo filho. Forçado pela situação na côrte e o devotamento pelo duque Carlos-Augusto, a deixar mais de uma vez a casa, uma grande angustia o acompanha; recommenda o seu "Erotikou" Christiana e o filho a Herder e á sua mulher: "Os meus me querem muito, e eu confesso que amo apaixonadamente a querida Christiana." O "leitmotiv" das cartas á sua "amiguinha" é sempre:

"Cuide bem do pequeno e não deixe de me amar."

Acontece-lhe sentir ciumes:

"Sobretudo, continua a me amar! ás vezes fico com ciumes; imagino que outro poderá te agradar mais; com effeito existem muitos homens que eu acho mais interessantes pessoalmente e mais agradaveis do que eu..."

Repetidas vezes, elle assegura que ama unicamente a ella, que deseja revel-a, que desejaria ser rico para poder leval-a e o filho nas viagens. Envia-lhe tecidos, rendas, "pacotilhas" de Francfort.

Em 1880, escreve-lhe "Amo-te cada vez mais..." Recommenda-lhe que se divirta, sabendo como Christiana ama a dansa e o theatro: "Fica em Lauchstädt o tempo que quizeres; quando já estiveres farta disso, volta!" E mais tarde: "Ama-me como eu te amo. Diverte-te e o pequeno tambem. Nada me dá tanto prazer como saber que estás feliz. Distraie-te com as tuas recepções, a tua dansa, o teu theatro." (1805).

A generosidade de Gœthe é tocante: "Quanto ás tuas despezas, approvo-as todas; tenho manuscriptos de enorme valor, romances, pequenas narrativas, etc. Envio-te umas rendas para que cada correio te leve qualquer coisa de mim." (1807).

Elle a consola e a reconforta: "Si disseram mal de ti a Madame de Stael, não te preoccupes. Nós vamos perseverar no nosso amor e organisar cada vez melhor a nossa existencia, afim de vivermos conforme os nossos gostos e sem nos preoccuparmos com os outros." (1809).

DA VIDA DE GOETHE

A. FANTA

A sinceridade com a qual Gœthe lhe fàla nos seus "olhares", o bom humor com o qual elle brinca com Christiana a respeito dos que ella lhe confessa, provam bem a confiança e a certeza da affeição reciproca.

Si percorremos as cartas da mãe de Gœthe, de Madame Aja (era como gostava que a chamassem), veremos que elle só lhe falou em Christiana em 1792. A primeira carta que Madame Aja dirige á Christiana é de 20 de Junho de 1793. Desde ahi, as cartas e os presentes se succedem.

A senhora conselheira envia doces e brinquedos para o menino, roupas de cama e de mesa, tecidos para a mãe e para "o querido". Todos os annos, antes do Natal, ella se informa, com o filho, sobre o que dará prazer á jovem mãe e á criança — apenas recusa, com extrema energia, mandar-lhe uma "pequena guilhotina".

Todas as cartas ao filho terminam com palavras de ternura para Christiana e para o menino.

"Que Deus te guarde, a ti, á tua companheira e o pequeno; é o meu desejo mais sincero! Beija por mim todos os teus."

*
* *

Vejamos as obras directamente inspiradas por Christiana. Que rica messe, de 1788 a 1798! A felicidade dá a Gœthe, na idade madura uma plenitude de inspiração poetica que lembra a fecundidade da sua juventude. Não nomeia a que elle ama, mas adivinha-se a presença della.

Na "Metamorphose das plantas" Gœthe visita com Christiana o jardim e resume para ella de uma maneira magnifica a sua concepção da evolução da planta; compara-a á evolução do amor.

"Medita como do nosso encontro nasceu pouco a pouco a nossa doce convivencia, como a amizade desabrochou na nossa alma e como o amor fez nascer uma floração fecunda..."

Em 1817, um anno depois da morte de Christiana, Gœthe dizia: "Este poema agradou á minha amiga; ella tinha o direito de se apropriar de todas estas metaphoras, e eu tambem era feliz de vêr este symbolo realçar e coroar a nossa perfeita harmonia."

Nas "Elegias romanas", Gœthe quer enganar o leitor, mas o seu segredo lhe escapa, como o segredo do rei Midas, trahido pelos canaviaes:

"Como é difficil guardar um segredo quando o coração transborda de amor! Não posso confial-o a uma amiga, ella me censuraria; nem a um amigo, seria talvez perigoso. Confiar o meu encantamento aos bosques, dizel-o ao écho, não posso, não sou bastante moço nem bastante solitario para isso."

AOS 41 ANNOS

A allusão está sempre transparente, a descripção fiel:

"Não te arrependas, minha bem amada, de te teres entregado a mim tão depressa... as fléchas do amor ferem em varios sentidos."

Os "Epigrammas de Veneza" falam, sinão com a mesma audacia, pelo menos com a mesma eloquencia da paixão do poeta:

"Volto as costas, ai de mim! á unica alegria da vida; ha vinte dias já que a carruagem me carrega — o meu corpo viaja, mas a minha alma repousa sobre o seio da minha bem-amada."

Na elegia de "Alexis e Dora", Gœthe descreve os terrores do ciume. Apenas a idéa duma possivel trahição arranca do amante um grito de desespero. O poeta appela para as Musas afim de acalmar a sua angustia: "Não podeis curar as feridas do amor, mas sómente, oh! Musas bemfeitoras, vós sabeis aliviar a dôr".

E, nas "Quatro estações", a primavera e o verão são quasi que inteiramente dedicados á Christiana.

"Muitas violetas reunidas num bouquet formam como que uma unica flôr; é a tua imagem, oh! guarda do lar."

"O espaço e o tempo, não são sinão as formas do nosso espirito, pois junto de ti, querida, o minimo retiro me parece infinito."

"Conheces o sublime veneno do amor insaciado? queima e reconforta, ataca o cerebro e o regenera."

"Conheces o effeito soberbo do amor emfim saciado? une os corpos e liberta os espiritos."

"O amor verdadeiro é o amor sempre e sempre identico a elle mesmo, quando tudo lhe concedemos, ou quando tudo lhe é recusado."

"Queria possuir tudo para tudo partilhar com ella; darei tudo para que ella, a unica amada, seja minha."

"E' preciso viver e amar; o amor e a vida têm um fim. Possas tu, oh Parca, cortar ao mesmo tempo o fio da vida e o do amor!"

Na "Elegia do novo Pauséas e da sua jovem ramalheteira", Gœthe transporta para a Grecia o seu encontro fortuito com Christiana e o amor subito; a graça e a perfeição do poema fazem

lembrar uma phrase de Schiller: "E' bastante saccudir a arvore para que tombem fructos dos mais saborosos."

E' no mesmo anno, tão fecundo em 1797, o anno das "Balladas" e de "Hermann e Dorothéa" que Gœthe escreve a sua "Elegia de Amyntas". Ahi ainda, sob nomes gregos, elle desafoga o seu amor. A hera se agarra a uma macieira, aspira toda a seiva, impede-a de desabrochar em fructos. Mas, como se ha de libertar ? a arvore morreria si lhe arrancassem aquella folhagem ! e Amyntas conclue: "Toda prodigalidade é doce; deixa-me, oh Nicias, gosar a mais bella de todas. Aquelle que se fia no amor, leva em conta a vida ?"

Para completar o cyclo de poesias nas quaes Gœthe cantou Christiana, passemos das obras compostas na idade madura ás obras da velhice. Encontramos nellas o mesmo tom de verdade e de ternura.

Por exemplo as estrophes deliciosas, tornadas populares, inseridas nas suas obras sob o titulo de "Achado",

Christiana Vulpius

In unsers Busens Reine wogt ein Streben
Sich einem höhern, reinern, unbekannten,
Aus Danckbarkeit freywillig hinzugeben
Enträthselnd sich den ewig ungenannten;
Wir heißen's: fromm seyn — Solcher seligen Höhe
Fühl ich mich theilhaft wenn ich vor Ihr stehe

A letra de Gœthe aos 75 annos: Elegia de Marienbad

mas que tinham antes o sobrescripto: Madame de Gœthe. Datam de 1813; contava Gœthe 64 annos, e Christiana se approximava dos cincoenta.

"A flôr mais bella do meu jardim é o espirito amavel da minha bem amada, são para mim olhares radiantes, canções ternas, palavras agradaveis, é

um coração fresco como uma flôr, corola sempre aberta; a sua gravidade sorridente e a sua alegria pura."

Christiana teve uma agonia horrivel. Gœthe, tão senhor de si, ficou desorientado de dor. Escreve a Zelter, seu melhor amigo: "Si eu te informo, oh mortal robusto e experimentado, que a minha querida mulher nos deixou ha dias, tu comprehendes o que isso quer dizer." E tres semanas mais tarde, escreve a Sulpice Boisserie: "Não lhe occultarei — pois para que fazer o fanfarrão? — que o meu estado attinge ao desespero."

São bastante conhecidos os versos escriptos depois da morte de Christiana e que são como que um monumento funebre elevado á "querida amiga":

"E' em vão, oh sol, que tu procuras espalhar as nuvens. Todo o beneficio da minha vida, hoje em dia, é chorar a sua perda !"

E, em 1820, a mulher de Ruebel diz: "Gœthe continua inconsolavel."

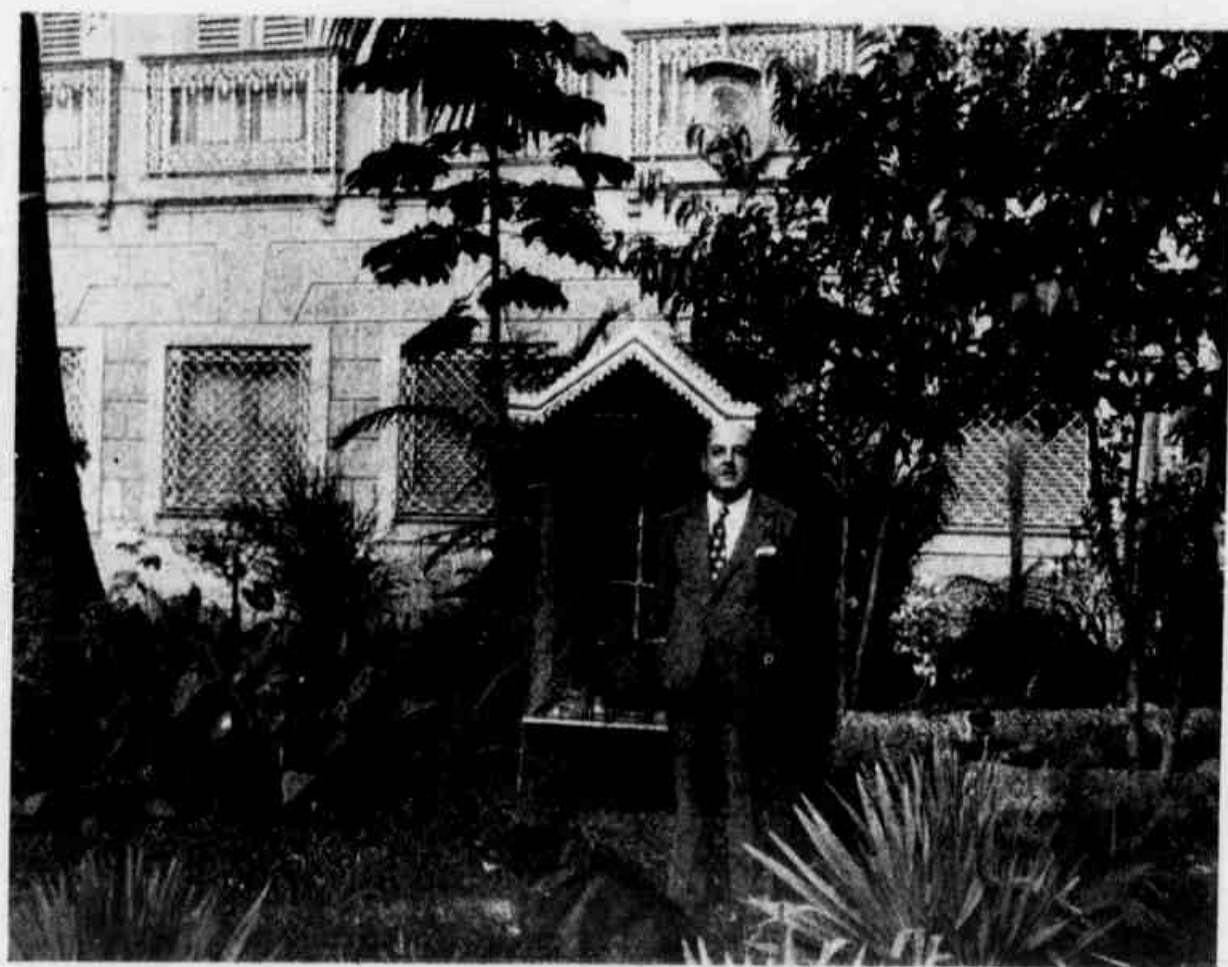
Vimos como a abnegação e o devotamento conjugal de Christiana deram a Gœthe uma concepção mais alta da vida, da mulher e do amor; é assim que, pouco a pouco, na sua sincera aspiração ao bem, chega por etapas a uma verdade mais nobre e mais pura. Cinco annos depois da morte de Christiana, com uma lealdade incomparavel, elle julga a sua união livre e não teme reprovar a propria conducta afim de que a sua experiencia sirva á mocidade.

Quanto á Christiana, tão desconhecida, não sómente em vida, mas pela maioria dos biographos de Gœthe, parece que ella merece bem a opinião da sua sobrinha-neta, e podemos concluir dizendo com ella: "Fizeram-lhe muito mal e foram de uma injustiça inaudita com ella."

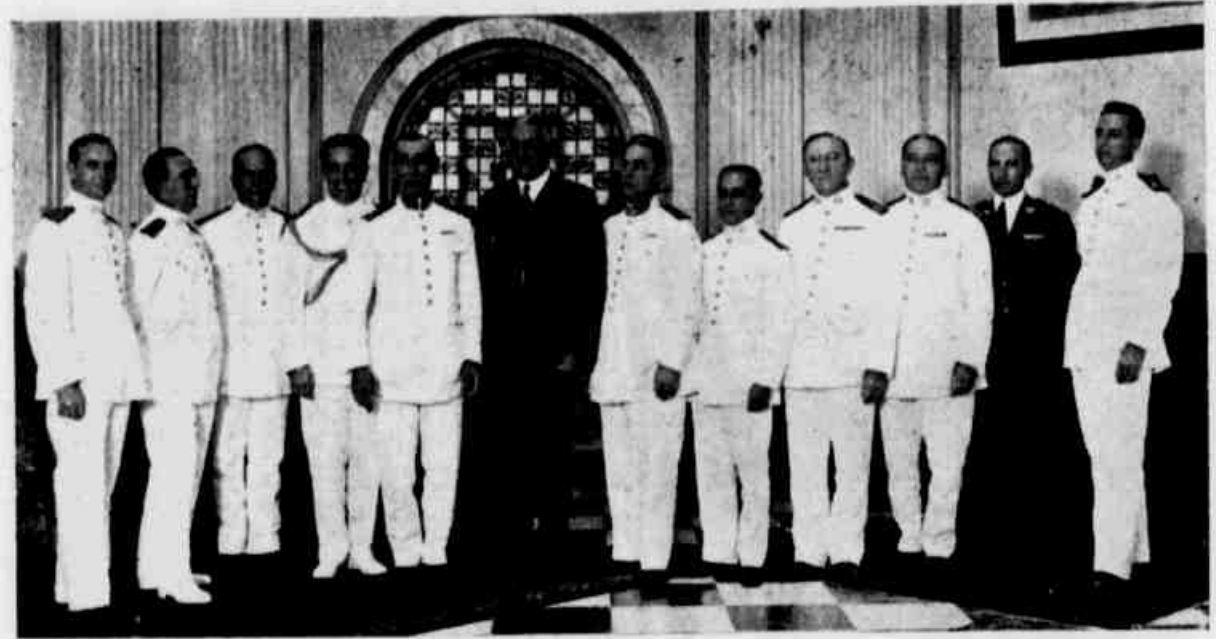
Alfonso Reyes

E' um dos mais admirados escriptores da lingua hespanhóla. Poeta, philosopho, critico. Commentador dos homens e das coisas. Viajante encantado da vida. O nosso querido Alfonso Reyes. O Exmo. Senhor Embaixador do Mexico. Quando chegou, era hospede. Agóra é de casa.

Na mesa de trabalho

Com a Senhora Embaixatriz no Salão da Embaixada

No jardim da rua das Laranjeiras

Embóra os affazeres dos cargos que tem exercido na administração, no corpo consular e na diplomacia, a actividade intellectual Alfonso Reys é prodigiosa. Aqui está uma lista de obras suas, muitas das quaes traduzidas em francez, allemão e inglez: Ensaios: Cuestiones esteticas — Cartones de Madrid — Vision de Anahvac — El Suicida — Retratos reales y imaginarios — El cazador — Simpatias e diferencias (5 series) — Calendario. Contos e prosa de imaginação: El Plano obliquo — Fuga de Navidad — El Testimonio de Juan Peña. Numerosos trabalhos de erudição e historia literaria, prologos, anotações, traducções. Poesia: Huellas — Ifigenia cruel (poema dramatico) — Pausa — 5 Casi Sonetos.

No Jockey Club

Antes do almoço de despedida que officiaes brasileiros offereceram ao Coronel Carlos Cazanova, Addido Militar Argentino

Em Cambuquira

Bloco de veranistas, entre os quaes o cantor Jorge Fernandes, no Carnaval deste anno

No America F. B. Club

Lembrança do baile inaugural da nova séde

GOETHE DIRECTOR de THEATRO

POR VICTOR BONILLIER

COM Shakespeare e Moliére, Goethe foi o mais illustre dos directores de theatro. E, o que infelizmente não acontece com os dois primeiros, os documentos sobre a gestão de Goethe são abundantes. Para estudar os differentes aspectos desse aspecto de Goethe seria necessario escrever um volume, e isso já foi excellentemente realizado por Julius Wahle, director dos archivos Weimariannos de Goethe e Schiller. Assim, nestas paginas, pouco trataremos da parte historica e anecdotica, menos ainda da parte administrativa, para nos entregarmos especialmente ás regras de interpretação dramatica, que parecem ter conservado a opportunidade.

Goethe dirigiu o theatro ducal de Weimar durante vinte e seis annos, de 1791 a 1817. Não ambicionou essa funcção, num momento em que juntava á actividade literaria uma verdadeira paixão pelos estudos e descobertas scientificas, desempenhando tambem as occupações administrativas de "Conselheiro intimo." Aliás, a direcção do theatro não accrescentava nada aos seus modestos vencimentos de 1.200, depois 1.800 thalers. Se aceitou, foi por instancias de seu soberano e amigo Carlos Augusto. De resto, estava preparado, de longa data para essa missão. Nas paginas das "Memorias" e de "Wilhelm Meister" elle apparece, criança ainda, manobrando com fantoches; depois, tendo ensaiado alguns camaradas, representando pequenos dramas, taes como "David e Goliath", onde accumulava os papeis de autor ou arranjador, de ensaiador e de actor e até os de decorador e de costureiro. Um pouco mais tarde, entre os doze e os quatorze annos, graças a uma entrada de favor que lhe arranjára o avô materno, alto magistrado municipal, acompanhou assiduamente, da sala e dos bastidores, as representações de uma companhia franceza, installada em Francfort durante os annos de occupação.

Quando Goethe chegou a Weimar, em novembro de 1775, não existia, desde um incendio no theatro da Côrte, sinão uma scena de amadores onde representavam membros da familia ducal e personagens da Côrte, reforçados, ás vezes, por artistas profissionaes chamados de fóra. Goethe tornou-se logo o animador desses espectaculos; como actor, se distinguiu especialmente no papel de Oreste da sua peça "Ephigenia", ao lado da celebre actriz Corona Schroter. Houve uma interrupção nos seus trabalhos theatraes durante os annos de 1783 a 1791, durante os quaes, para que se realizassem representações regulares e abertas ao publico, recorreram a companhia Bellomo, que cultivava sobretudo a opera comica e a opereta.

*

Goethe foi um director dos mais conscienciosos e zelosos. O que, em parte, é lamentavel, pois, segundo elle disse a Eckermann, perdeu "um tempo infinito, durante o qual poderia ter escripto muita coisa boa." Mas elle não se arrependia; contentava-se de ter exercido a sua actividade, e "pouco se importava que fosse fabricando potes de barro ou porcellana para a mesa." Embora elle fosse auxiliado por um administrador encarregado especialmente da parte financeira, e de um ou dois ensaiadores, occupava-se escrupulosamente de todas as questões, mesmo administrativas; não se descuidava de nenhum detalhe; chegava até a regular a questão das entradas de favor. Preoccupava-com a gestão financeira, o que era importantissimo pois as subvenções do thesouro ducal eram muito modicas: mais ou menos 5.000 a 6.000 thalers por anno. Nunca teve deficit. As receitas da estação de Weimar eram geralmente insufficientes, mas davam, durante as férias, representações proveitosas nas estações thermaes da região, particularmente em Lauchstadt. E' preciso dizer que para beneficiar a caixa montavam muitas peças de valor mediocre ou aphemero, como as de Kotzebue, de Iffland e de outros menores. Goethe não abusava da sua situação em favor das obras proprias: durante todo o tempo que dirigiu o theatro deu só 238 representações com peças suas, isto é, uma media de 9 por anno. (O theatro dava tres ou quatro espectaculos por semana) Schiller obteve 367 representações.

50 ANNOS

Goethe considera va como um dos seus principaes deveres directoriaes estar sempre em contacto com os actores. Por occasião das leituras de peças, elle explicava a cada um o seu papel; assiduo nos ensaios, dirigia e rectificava minuciosamente a mise-en-scene.

Mantinha severamente a disciplina e a ordem do seu pessoal. Confessamos que elle applicava meios repressivos um pouco rudes, e que, naquella epoca, já tinham cahido em desuso; por exemplo, em fevereiro de 1795, fez ir para a policia do corpo da guarda o galã Becker, por ter dado uma bofetada na caricata; em abril de 1804, uma jovem actriz, Maas, tendo-se ausentado sem autorização para ir representar em Berlim, ficou presa no proprio apartamento durante oito dias, com sentinella á porta, paga pela artista. Mas Goethe só em ultimo caso recorria ás medidas rigorosas, preferia a acção moral. Assim, o já citado Backer, se recusando um dia a representar no "O Campo de Wallenstein" o papel secundario do cavalheiro, Goethe declarou que elle proprio faria o papel.

— Sim, disse elle mais tarde a Eckermann, para manter a minha palavra, eu commetteria essa loucura; se Becker não tivesse obedecido, eu teria feito o papel e, como o sabia melhor do que elle, representaria melhor.

A autoridade de Goethe era muito grande porque, como elle mesmo disse, em 1819, ao chanceller Muller, durante os seus vinte e seis annos de direcção absteve-se de qualquer fraqueza junto do elemento feminino. E isso elle confirmou, mais tarde, a Eckermann:

"No nosso theatro, não faltavam mulheres moças, bonitas, dotadas mesmo de uma intelligencia encantadora. Por muitas, senti uma forte attração; e muitas faziam para mim a metade do caminho. Mas eu resistia dizendo a mim mesmo: Não vá mais longe! Sabia o que a minha posição exigia de mim. Não estava lá como simples particular, mas como chefe de um estabelecimento cuja prosperidade eu desejava mais do que um momento de prazer. Si eu me tivesse mettido nalguma intriga amorosa, me teria transformado numa bussola, que deixa fatalmente de ser exacta quando ha junto della uma influencia magnetica. Conservando-me sempre senhor de mim mesmo, pude ser tambem senhor do theatro, e guardei intacta a estima necessaria, sem a qual toda autoridade é logo perdida."

Mesmo assim, houve tempo em que Goethe viu a sua autoridade contrariada, e isso por uma mulher, actriz e cantora de talento, Carolina Jagemann, que se tornou a favorita do duque deWeimar, o qual lhe conferiu o titulo de baroneza de Heygendorf. Ou por espirito intriga e de ambição, ou porque Goethe não lhe testemunhasse, talvez, todas as homenagens mundanas ás quaes ella pretendia fóra do theatro, o caso é que a Jagemann entrou em luta dissimulada contra o director. Ora queria que dispedissem um chefe de orchestra que não se sujeitava ás suas fantasias vocaes, ora, reclamava as mais severas medidas disciplinares contra um tenor que ella accusava de ter fingido uma indisposição para prejudicar uma representação na qual cantava com ella. Por accasião desse ultimo incidente, em 1805, Goethe tomou o partido do tenor, e sobretudo não querendo soffrer a usurpação da sua autoridade, apresentou a sua demissão e a manteve durante muitas semanas. Por fim, devido á intervenção da sua grande amiga, a duqueza Luiza, mulher do duque, o conflito terminou: Goethe teve todas as satisfações, mas só quiz conservar sob a sua direcção os espectaculos dramaticos. Excluiu a opera que não o interessava. Depois as coisas seguiram, durante alguns annos, sem nenhum outro grave incidente. E Goethe escreveu em 1815, nos "Annales":

"Nessa epoca, podia-se dizer que o theatro de Weimar elevára-se ao mais alto grau de perfeição, pela pureza da dicção, a força da declamação, a interpretação ao mesmo tempo natural e artistica."

Goethe não teve o prazer de gozar por muito tempo esses resultados. Em setembro de 1817 sobreveio um incidente que poz fim a sua carreira de director. Um comediante chegára a Weimar com o seu canil, precedidos ambos pela noticia dos successos obtidos em Vienna e em Berlim, num melodrama de Pixérécourt, traduzido por Castelli. Goethe recusou licença para essa exhibição num theatro official, illustrado por Schiller e por elle. Contentou-se, aliás, em apresentar o regulamento da policia

que interditava a introducção de cães no theatro. Mas a Jagemann providenciou, e o já então Grande Duque, não só para ser agradavel a ella, mas tambem por causa da sua grande paixão por cachorros, decidiu que o espectaculo se realizaria. Goethe immediatamente apresentou a sua demissão. Ella foi acceita em termos muito cortezes, sob o pretexto de livral-o de um fardo que se tornára muito pesado. Goethe sentiu profundamente esse golpe; a prova está no silencio que, no "Jornal" e nas cartas, guardou sobre o caso, e, mais ainda, no facto delle ter evitado (salvo em uma ou duas circumstancias excepcionaes) de entrar no theatro durante os quatorze ou quinze annos que lhe restaram de vida. Entretanto, a velha amizade que existia entre Goethe e o seu soberano não foi alterada. Parece mesmo que não durou muito a incompatibilidade entre Goethe e a Jagemann cujo talento elle admirava. E ella, por occasião de um espectaculo solemne com "Torquato Tasso", em março de 1823, foi á casa de Goethe, vestida com a roupa de Leonora, para offerecer-lhe a corôa com a qual acabára de coroar-lhe o busto em scena.

*

"Aquelle que quizer formar comediantes deve ter uma paciencia infinita" dizia Goethe. E elle tinha uma paciencia infinita.

Goethe traçou os seus principaes preceitos de interpretação dramatica em algumas paginas intituladas: "Regras para os comediantes", das quaes tiramos alguns trechos:

"A arte do comediante consiste da palavra e da mimica. "Pronuncia." Na musica a justeza, a precisão e a pureza com que se emitte cada som em particular é a base da execução artistica, assim na arte do comediante, a base de todo recitativo ou declamação em estylo elevado, é a pura e completa pronuncia de cada palavra em particular.

A pronuncia é "completa", quando nenhuma letra de uma palavra é supprimida, e que todas resaltam com o seu justo valor. E' "pura" quando todas as palavras são ditas de maneira que o auditorio apanhe com facilidade e acertadamente o sentido das mesmas.

Essas duas condições reunidas fazem a pronuncia perfeita. O comediante deve procurar adquiril-a, considerando que uma letra engolida ou uma palavra pronunciada indistinctamente tornam, muitas vezes, equivoca o sentido de toda a phrase, resultando dahi o publico perder a illusão, e ser levado a rir nas scenas mais serias."

Goethe exigiu sempre a observação dessas regras, que elle considerava como primordiaes. Quando Goethe tomou a direcção do theatro de Weimar, o "Naturalismus" reinava na maioria das scenas allemães. Eis o que escreveu Goethe no seu "Jornal":

"No theatro de Leipzig, não é possivel ir além em falta de maneiras e em indifferença. Uma senhora viennense dizia muito bem que aquelles actores se comportavam como si não houvesse espectadores. A maioria fala sem a menor preoccupação de se fazerem comprehender. Melhor para quem não ouvir!"

Foi preciso a Goethe uma energica perseverança para corrigir esses erros. Mencionemos alguns incidentes da luta. Em dezembro de 1793 mandou um aviso por escripto ao actor Graff que, "pela sua dicção pouco intelligivel provocou o descontentamento do p u b l i c o." Graff foi prevenido que em caso de reincidencia seria despedido, embora possuisse outras qualidades. Em outubro de 1795, Goethe dirigiu a todo o pessoal do theatro o seguinte communicado:

"S. A. o Duque me chamou a attenção, diversas vezes, que da sua frisa acontece frequentemente ouvir-se mal certos actores, e que, particularmente no decorrer da exposição e nos momentos de paixão, muitas coisas se perdem. Respondi que, individualmente e em geral, muitas vezes tenho dito a todos da Companhia que o primeiro dever do comediante é se fazer ouvir de qualquer ponto da sala, mas que a despeito dos meus esforços, não conseguir o resultado desejado. Então S. A. me declarou: "De hoje em diante, sempre que um comediante não fala de maneira intelligivel, chame-o immediatamente á ordem." Quiz avisar a companhia, afim de que nenhum se surprehenda quando soffrer essa humilhação."

Com tudo, e embora as "humilhações que sem duvida foram inflingidas, parece que não foi obtido um caso plenamente satisfatorio. O celebre Iffland, reputado entre os actores pela clareza da sua pronuncia, tendo ido a Weimar para representações extraordinarias, na primavéra de 1796, o Duque escreveu a Goethe:

"Hontem, ouvi Iffland, palavra por palavra, mesmo quando falava em voz baixa; concluo portanto que não é por culpa dos meus ouvidos, mas do orgão vocal dos actores, se a maoria das peças passa para mim como uma pantomima."

E emfim para mostrar a importancia que Goethe dava á questão, citemos uma passagem do seu "Wilhelm Meister":

"Elles não deixavam de lembrar, muitas vezes, aos actores o ponto essencial, isto é, o dever de falar alto e distinctamente. Encontravam mais resistencia e má vontade do que podiam suppor. Quasi todos queriam ser ouvidos como falavam e bem poucos se esforçavam por falar de maneira a serem ouvidos. Alguns punham a culpa para a accustica do theatro; outros diziam que não se póde gritar quando é preciso falar naturalmente, confidencialmente ou com ternura... Wilhelm dava o bom exemplo. Articulava bem, media a voz, a elevava gradativamente, e nunca gritava, mesmo nas pasagens mais violentas."

*

Da pronuncia, Goethe, nas "Regras para os comediantes", passa á declamação ou dicção dramatica.

"E' mais do que uma recitação; ella exige que se saia de si mesmo para se collocar na situação do personagem representado, para exprimir de uma maneira viva e colorida as emoções que elle experimenta successivamente. O pianista, recorre ao pedal e aos effeitos variados que possue o instrumento. Mas, embora as suas analogias com a musica, a declamação nao possue os mesmos recursos. Ella não tem tambem a mesma liberdade, pois, emquanto a musica busca os seus proprios fins, a declamação tem um fim imposto.

Aquelle que declama deve evitar dois escolhos: se modifica muito rapidamente as intonações, se fala muito grave, ou muito agudo, ou muito em meio-tom, terminará por "cantar"; e, se faz exactamente o opposto, cahe na "monotonia." Entre esses dois escolhos, ambos tão perigosos, occuta-se um terceiro, quero me referir ao "tons do pregador."

Para chegar a uma declamação justa, deve-se meditar nas seguintes regras: antes de tudo comprehender perfeitamente o sentido das palavras, e penetral-o bem; depois procurar acompanhal-a com o tom de voz que lhes convem, e pronuncial-as com a força ou a fraqueza, com a rapidez ou a lentidão, que requer o sentido de cada phrase.

Aquelle que declama tem a liberdade de fixar elle mesmo a pontuação, as pausas, etc., mas tendo o cuidado de não alterar o sentido.

Pelo pouco que acabo de dizer, é facil ver quanto trabalho e quanto tempo são necessarios para fazer progressos na arte difficil da declamação.

O comediante terá enorme vantagem em começar a declamar numa nota bem baixa, pois ganhará uma grande extensão de voz e poderá em seguida dar perfeitamente todas as gradações successivas. Se, ao contrario, começar numa nota muito alta, esse habito lhe fará perder a mascula gravidade, e, com ella, a expressão justa de tudo o que é uma arte elevada. E que successo poderá ambicionar uma voz aspera e aguda?"

60 ANNOS

Ao que concerne á declamação de versos, Goethe manda não assignalar a medida nem a rima, mas observar o encadeamento da phrase, como na prosa. O que recommenda especialmente para os iambos pode-se applicar tambem aos alexandrinos: marcar o começo da cada verso por uma ligeira suspensão, "apenas perceptivel, sem que a marcha da declamação seja perturbada."

*

Essa especie de "catecismo theatral" (segundo a expressão de Eckermann) continúa com regras de mimicas. Sobre a posição e os gestos das mãos e dos braços, Goethe faz observações detalhadas, onde se vê o seu gosto e a sua sciencia das artes plasticas. De uma maneira geral elle recommenda a harminia e a sobriedade, reagindo contra os excessos de mimica propagados pelos dramas vehementes do periodo chamado "Sturim and Drang." Accrescenta avisos curiosos sobre "os maus habitos a evitar." O comediante não deve metter a mão na cintura da calça...

"Elle não deve deixar apparecer nenhum lenço, muito menos fungar ou cuspir. Poderá ter de reserva um pequeno lenço (como os que se usam hoje) para recorrer em caso de necessidade."

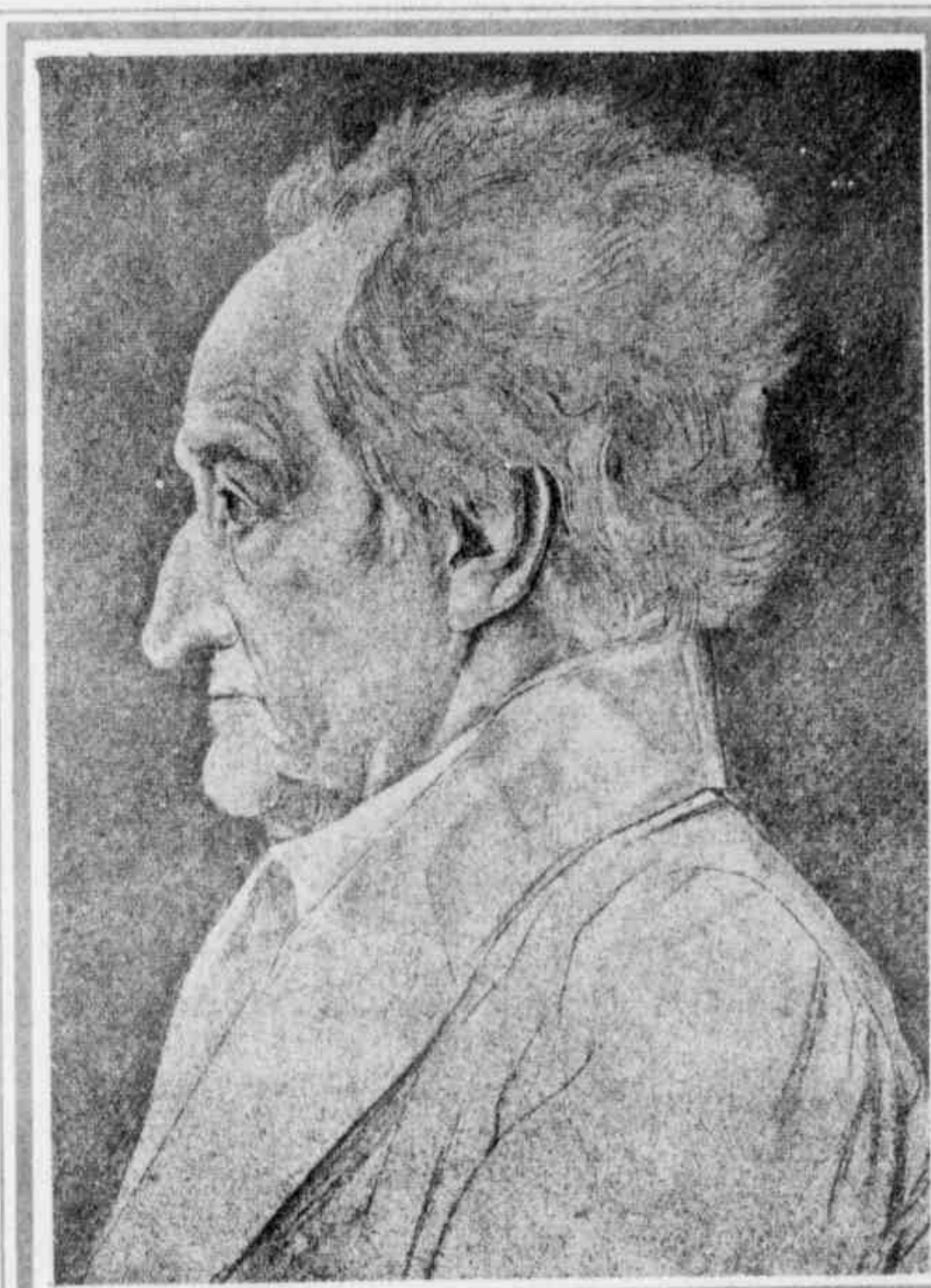
Goethe conclue as suas "Regras" com uma observação geral que respcnde de antemão ás objecções que se poderiam fazer contra o rigor dellas:

"Não é preciso dizer que estas "Regras" devem ser observadas principalmente quando se trata de representar personagens nobres e de alta dignidade. Ha, ao contrario, personagens, de naureza completamente opposta: rusticos, broncos, etc. Eesses, serão bem interpretados, applicando-se, conscientemente e com arte, o contrario das regras de boas maneiras. Em todo caso, não se deve nunca esquecer que o objectivo é fazer uma imitação e não a cópia da trivial realidade."

Como vimos, as "Regras" visam essencialmente o trabalho individual. Quanto ao conjunto, o principio de Goethe se resume numa phrase: Antes de tudo, um bom conjuncto!

A harmoniosa conjugação do natural e da arte, do verdadeiro e do bello, era o ideal dramatico de Goethe.

*

Sem ter tido actores de extraordinario relevo, a escola de Weimar occupa um logar insigne na historia da arte dramatica allemã. O seu mais alto titulo é ter creado as obras-primas de Goethe e de Schiller. O repertorio se ennobrecia tambem com obras-primas estrangeiras, a maior parte dadas a titulo de creação na Allemanha. Shakespeare, Calderon, Corneille, Racine, Moliére. No seu conjuncto, o repertorio do theatro de Weimar era rico, não só em qualidade, mas tambem em quantidade: o publico restricto obrigava á frequente mudança de cartaz. Durante os vinte e seis annos da direcção de Goethe, o theatro deu, mais ou menos, 600 peças, sendo que 135 operas ou operetas. No repertorio dramatico encontram-se 77 tragedias, 123 dramas, 250 comedias, 17 farças. Naturalmente, ha nessa lista uma grande proporção de obras ao gosto do dia, as quaes Goethe era forçado a montar por interesse das rendas. Notemos que não havia duas companhias differentes, que os mesmos actores deviam, pelo menos em principio, representar o comico e o tragico. Muitos tambem, como a Jagemann, alternavam com papeis de opera.

*

Embora o brilho que ella punha na arte nacional, a escola de Weimar tinha fatalmente que provocar a critica. No seu principio de unir, segundo a expressão de Schiller, "a belleza da representação e a verdade da representação", é certo que ella sempre tendeu mais para a primeira do que para a segunda dessas qualidades. A sua arte aristocratica, um pouco academica, era feita para um publico letrado, escolhido (como o de Weimar em geral), e não para o grande publico dos theatros das cidades populosas.

Aliás, o gosto do naturalismo e o das "estrellas de effeito" empolgava importantes cidades como Berlim, e Leipzig. Em Weimar não se podia contestar a bella organização dos espectaculos, o senso da poesia, a intelligencia profunda do texto. Mas criticavam as attitudes um pouco convencionaes, a caracterização insufficiente dos papeis, o nivellamento das individualidades, a declamação muito marcada ou muito vagarosa. Nessas criticas devia haver uma parte de rivalidades profissionaes, como tambem do espirito particularista, muito pronunciado nessa epoca, em que pouquissimas affinidades existiam entre a gente de Weimar e a de Berlim.

COISAS DE CINEMA

Esse negocio de Clark Gable "tiranos romanticos" é da especie de George Arliss, Al Jolson,, **golf**, Constance Bennet, **rugby**, almoço ás sete horas da manhã e outras bobagens que os americanos gostam muito e julgam que nós engulimos a pirula...

* ❖ *

Joan Crawford era uma mulher com uma cara feia que fazia comedias **flapper.** Todo mundo gostava daquellas farras dum corpo gostoso Mas carne só não é documento. E ella quiz fazer dramas. Foi um horror!

* ❖ *

Charles Chaplin é genial. Faz a vida direitinho. Quando elle soffre todo-mundo ri!

PEQUENAS HISTORIAS DE TODO MUNDO

LEGENDA PARA A MENINA MODERNA

Tapou as pernas. Quem as quizer conhecer pessoalmente que vá ás praias. Esguia. Com tendencias para tornar-se impalpavel. Trouxe a desvalorização da bolina no mercado dos sentidos. As fórmas economicas despojaram-se das abundancias, e comprimiram-se no necessario. Compridinha. Fininha. Ajustadinha. Traz mais 3 metros de pudor no corpo, e ainda um babado em róda. Chapéozinho do lado. Puro batalhão naval. Desenha no ar a flexibilidade nos seus dias. Fica-se sabendo que a flexibilidade endoidece a gente. Que é a mandinga que nos fez a tia-mina que é a vida. O vestido que lhe tapa os pés, traz a configuração duma bandeira enrollada. E a gente perfilado nas calçadas, na parada diaria das bandeiras que tremem ao sopro dos movimentos, esquece os sentimentos civicos. Tem vontade de arrancar o panno porque ali o mostro é quem vale.

Pedro R. Wayne.

* * *

TAGARELICE

— Você viu, noje, depois daquella chuvinha?

— Vi. O que foi, minha filha?

— Aquella coisa bonita, que estava lá no céo, grande assim, dum lado no outro; duma porçãosada de côr, vermelho, azul, amarello, bonito, bonito, você viu, mamãe?

— Vi.

— Pois é, o Arco da Velha; elle estava com o bico lá no açude bebendo agua e esperando algum menino fazedor de arte, manhoso, menino que mente, para poder chupar e engulir, você viu, mamãe?

— Vi, minha filha.

— Pois é, e aquelle anjo grande, que toma conta das creanças, pra num fazer arte, pra num chorar, pra num mentir, pros bichos num pegar, pro o Arco da Velha num engulir, você viu, mamãe?

— Vi.

— Pois é, o Anjo da Guarda: branquinho, branquinho, com as asas compridas, deste tamanho... Elle estava lá em cima no céo, olhando pra mim e falando assim: Não chega lá não, Evinha, não chega lá não, Evinha. Você não viu, não, mamãe.

— Não, minha filha.

— Pois é, eu tambem não, mas elle estava lá sim, porque a Maria Preta falou que viu e me contou...

Roberto Leite.

O PAIZ DOS MILAGRES

... Ha um paiz estranho onde os milagres se realizam. O vento glacial sópra ao mesmo tempo que o tufão escaldante das planicies arenosas; os desertos estão na vizinhança dos mares; o inverno e o verão, o desabrochar da natureza e a sua morte, são simultaneso. Nesse paiz, as regiões articas e tropicaes se tocam. Cidades e aldeias inglezas, allemães, francezas, americanas se alinham umas junto das outras, e nas ruas, todas as raças, todas as nações e todas as classes se acotovellam, exhibindo trajes que mudam com a estação. Ao lado de um duque vê-se um negro miseravel, um indiano de busto nú ao lado de um branco abafado em pelles, e hindús enrolados nos seus pannos conversam com algum aviador americano. Esse estranho paiz se chama Hollywood.

Boris Pilnyak

* * *

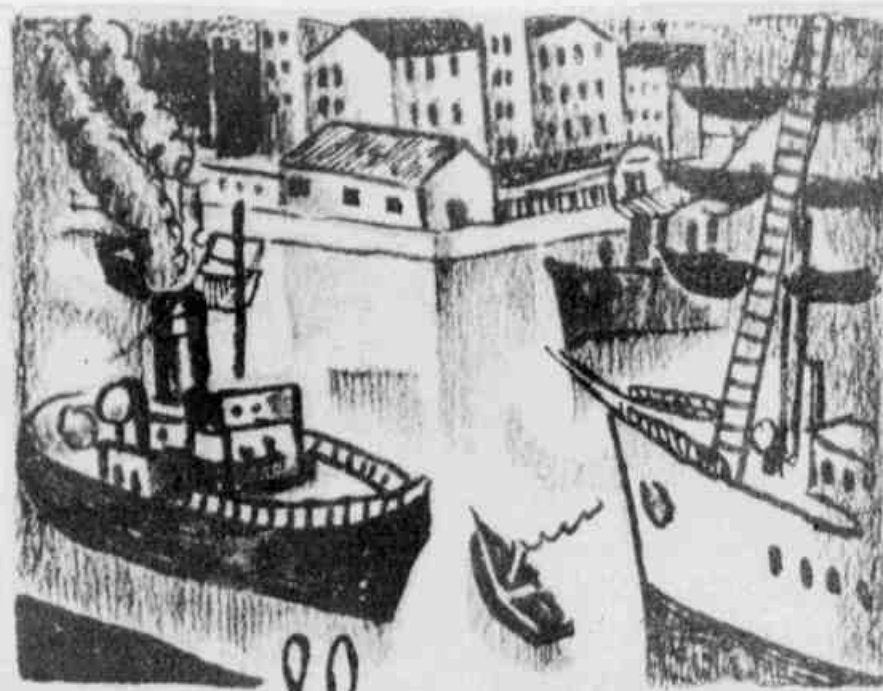
POSSIVEL ENGANO

Numa reunião de homens de letras, Jacinto Benavente pôz-se a exaltar em termos muito elogiosos o ultimo livro de Valle Inclan. Muitos convivas lhe fizeram toda sorte de objecções, que o autor dos "Interesses creados" se apressava em destruir, continuando a defender o illustre maneta.

Não havia meios de fazel-o mudar de opinião. Benavente insistia:

— Valle Inclan é um grande poeta, um poeta unico.

— Mas eu lhe aviso, don Jacinto — disse um dos presentes — que don Ramon affirma, para quem quizer ouvir, que o senhor é um mau escriptor

Benavente calou-se um instante, depois respondeu com um leve sorriso: — E' bem possivel... é bem possivel que tanto eu como elle nos tenhamos enganado...

Havre

O navio entrou pelo labyrintho das docas... Era o fim da viagem.
Uma viagem de 22 dias é uma vida...
Despedi-me do homem de casquette amarella que ainda ficava, num apego amoroso, gozando a insipidez dos tombadilhos até Hamburgo.
Olhei a cidade, a cidade industrial do Havre suja como um carvoeiro...!
— Adeus, homem livre da America! De hoje para frente o Brasil fica dentro das latas de conserva dos consulados.
Velho Mundo!...

Di Cavalcanti

Enlace

Maria Thereza Augusto de Lima

e

Oriolando Bove.

Ao centro, entre os noivos, está o Sr. Arcebispo de Marianna, D. Helvecio Gomes de Oliveira.

Romance de Villa-Lobos

Carlos Fontoura

Emquanto a terra adormecida esperava a gloriosa transformação, um canto a embalava, lá dentro, no sertão...

O mar não conhecia aquella musica macia, doce, forte, que era a vida de outra vida, perdida no calor do norte...

Mas um dia... um dia em que os homens buscavam a propria sombra na amplidão da sua terra, surgiu um coração...

Um coração que ouvia e depois cantava mais bonito, que não era moço nem velho e que trazia sua alma reflectida na musica como num lago servindo de espelho...

E esse coração falou assim:

— Terra, quero-te agradecer por teres tanto tempo esperado por mim...

E ella respondeu:

— Nunca ninguem ouviu a cantiga da minha infancia... eu cantava e elles deixando-me triste iam ouvir outras coisas não sei onde...

Mas hoje estou alegre. Canto atravez da tua arte e sentindo-me toda dentro de ti nesse rythmo quente, vibrante, multiforme, posso ouvir a voz da minha voz, porque a tua musica sou eu!...

....

E o coração que ouvia e a terra que cantava, uniram-se para sempre como num conto, um principe e uma fada...

Report

Na collação de gráo
dos Bachareis da Faculdade de Direito do Estado do Rio

Na Academia Carioca de Letras
antes da posse do novo acade-
mico Doutor Candido Jucá Filho

No Baile dos Ba
que se realisou no Au

No Country
Recepção aos Aspirant

No
Rio
Cricket
Club
em
Nictheroy

tagem

los Bachareis

no Automovel Club

ountry Club

pirantes da California

Festa dos Bachareis Fluminenses de 1931

Na Legação da Polonia durante a recepção offerecida ao novo Consul do paiz amigo

No Automovel Club do Brasil durante a festa de formatura dos Bachareis Cariocas de 1931

Anita Page

Assim como no film, onde as meninas infelizes, que trabalham nas mansardas escuras, silenciosas, dolorosas, têm a candura infantil do sorriso de Mary Ann...

Linda, pobre Mary Ann... Você é uma creatura absurda de romance, que não existe na vida, não é?...

Que pena, Mary Ann, que a vida seja tão feia!...

✣ ✣ ✣

O Brasil não conhece o Brasil.

Elle é muito grande e tem tido preguiça de se olhar inteiro no espelho...

Lemos agora que o Touring Club vae organizar excursões turisticas interestaduaes. Uma viagem dentro do Brasil feita por brasileiros.

E' uma grande e nobre idéa, que deve merecer o apoio de todas as pessoas de boa vontade.

NA CIDADE

Martim Luz

A's vezes, a gente pensa que Hollywood deve ser o typo do bom.

Uma vida differente de todas as vidas. Bem melhor. Refugio das ultimas almas romanticas que teimaram em ficar vivendo...

"Mary Ann" nos dá o pensamento ingenuo...

"Mary Ann", da Fox Film, inaugurou o "Cine Broadway", o novo cinema da Praça Floriano.

Um enredo sentimental. Um director notavel. Dois artistas queridissimos: Charles Farrell, o galã de corpo perfeito e Janet Gaynor, a mais doce, a mais meiga, a mais candida das mulheres.

Toda a belleza do film vem dos seus olhos timidos de menina desgraçada.

Uma infelicidade que commove.

A historia é ingenua. Falta-lhe mesmo uma dramaticidade mais violenta. E' fraco o fio do enredo. Por vezes, inverosimil.

Isso se nota principalmente numa scena que seria a culminante, se não nos chocasse a falsidade da situação: quando os amantes se separam, porque ella se torna rica de repente e elle continúa pobre...

Mas a emoção das scenas bellamente dirigidas e superiormente interpretadas perdôa esses pequenos defeitos.

O film é, todo elle, um commovido poema, na fragilidade humilde de uma pobre menina linda, que ama a cabeça bonita de um artista sem ventura.

O sorriso de Janet Gaynor anesthesia a brutalidade da vida.

Leva todos os sonhos para um mundo que devia ser assim...

INCIDENTES DOS ESTUDIOS CINEMATOGRAFICOS

RITA GALE

POR muito que um estudio cinematografico se esforce afim de evitar atrazos na produção, o elemento humano é algo que não se póde ajustar aos ponteiros do relogio e as demoras são inevitaveis frequentemente.

Por exemplo, um certo dia, tudo estava pronto num dos cenarios sonoros da Metro-Goldwyn-Mayer para principiar a ser filmada uma nova producção : diretores, atores, tecnicos, emfim todos estavam presente... mas a protagonista não se via por nenhuma parte.

O mais extranho era que se tratava de Marie Dressler, conhecida como uma das artistas mais pontuais. Que seria que lhe havia passado? Finalmente depois de meia hora de espera, meia hora que foi como que meio seculo para os que a esperavam, Marie Dressler apareceu no cenario esboçando um sorriso.

— Que se passou? perguntaram todos.

— Felicite-me ! respondeu ela orgulhosamente.

Minha cachorrinha de raça alemã acaba de dar a luz...

— Quantos ? perguntou o diretor interessado.

— Um... por enquanto, respondeu Marie.

Começou a ser filmada a produção. Miss Dressler estava nervosa e emocionada, e nos intervalos corria ao telefone para saber como estava passando a sua favorita. E sempre recebia a mesma resposta.

— Um outro mais.

— Bem, quantos já nasceram até agora ? perguntou-lhe o diretor.

— O terceiro acaba de chegar a este mundo, disse Marie Dressler.

E assim continuou o dia todo !

Este incidente nos faz recordar um outro semelhante ocorrido pouco mais ou menos por aquela época no mesmo estudio. «Molly» a cachorrinha de raça de Eleonor Boardman desapareceu misteriosamente um bello dia, abandonando quatorze recem-nascidos. Miss Boardman começou a culpar a esta mãe sem coração que havia deixado seus filhos voluntariamente para não ter que cuidar deles.

Por fim, depois de varios dias de procura por estradas, ruas e praças e depois de se anunciar pelo radio e nos jornais o desaparecimento do animal e de se recorrer a todos os meios imaginaveis, «Molly» foi encontrada... numa das repartições da municipalidade. . . onde são sacrificados os cães sem dono. Como se vê, tudo havia sido um erro injustificado, e o episodio terminou com a feliz reunião da mãe, caluniada tão injustamente, e seus filhinhos.

Durante todo o tempo que durou a pesquiza, uma criada levava diariamente os quatorze cães ao cenario onde Miss Bordman filmava "THE GREAT MEADOW", e a artista consagrava todos seus momentos livres a alimentar os pobres animaesinhos com mamadeira.

Numa outra ocasião, Hal Roach, o famoso produtor de comedias, chegou a seu escritorio preocupado e com o animo decaido. Não podia se concentrar inteiramente no seu trabalho e até se descuidou de alguns negocios de suma importancia. Alguem perguntou-lhe o que se passava.

— Ah ! suspirou Hal, briguei com meu melhor e fiel amigo.

Então relatou que havia castigado "Brownie", seu fiel cão, por maltratar a um dos gatos da casa. O resultado foi que "Brownie" não se dignava a olhar para seu amo nem acercou-se dele durante o dia todo... e por isto estava Roach desconsolado. Felizmente amo e cão fizeram as pazes no dia seguinte, e os negocios continuaram a correr com toda a paz de espirito como de costume.

Um certo dia não havia meio de se encontrar "Elmer", o amigo fiel de Buster Keaton e o cão favorito dos estudios da Metro-Goldwyn-Mayer. O trabalho foi interrompido. Todo mundo andava á procura de "Elmer"... finalmente "Elmer" foi encontrado na cozinha do restaurante em grande camaradagem com o cozinheiro e comendo bôas guloseimas !

Não são sómente os animais favoritos que ocasionam atrazos nas produções ; tambem temos que ter em conta «as superstições». William Haines, por exemplo, não se atreve a principiar a trabalhar numa produção nas sextas-feiras. Certa vez pediu ao diretor para que mudasse para segunda-feira, em vez de sexta. Quando Haines chegou aos estudios na segunda-feira pela manhã... viu no calendario que era dia 13 !

LILLIAN GISH

O Ultimo Dia

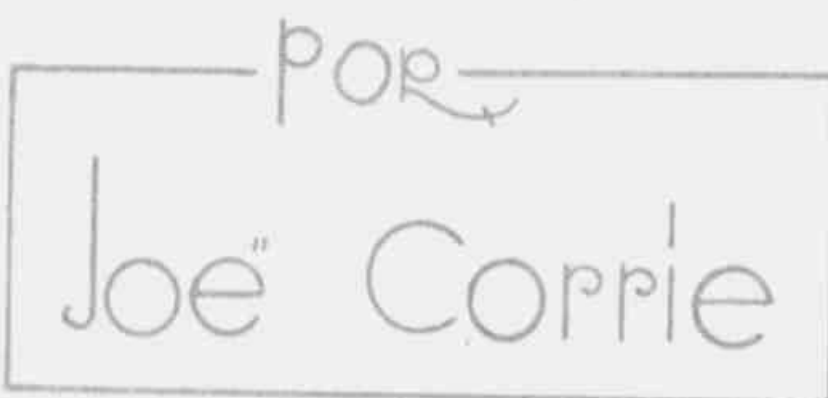
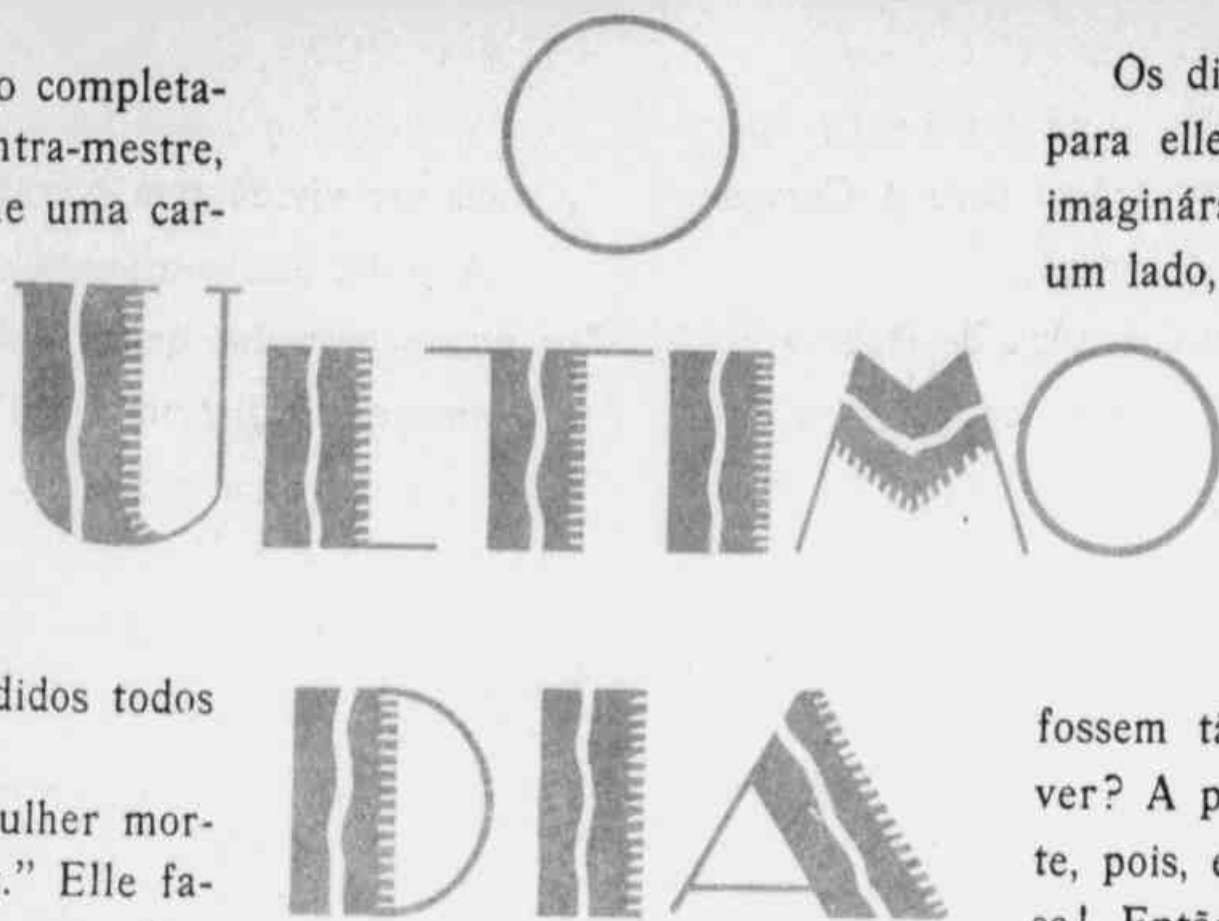
Por Joe Corrie

No dia em que Pedro completava setenta annos, o contra-mestre, de lá do alto, mandou-lhe uma carta. Avisavam que dentro de quatorze dias a Companhia dispensaria os serviços delle. A carta cahiu da sua mão tremula antes que elle a abrisse, pois já corrêra a noticia de iam ser despedidos todos os velhos.

Pedro era viuvo, a mulher morrêra durante o "lock-out." Elle fazia todo o serviço de que necessitava, até a lavagem da roupa.

Era analfabeto. Só se interessava pelo trabalho. O trabalho, o o trabalho, era todo o seu pensamento, toda a sua palestra. Durante mais de trinta annos, fôra o preposto da mesma tarefa sobre os tijolos da mina; e elle cumpria, como devia, essa tarefa que reclamava "faro" e um penoso esforço de mãos.

O contra-mestre dizia que era difficil substituil-o. Mas a ordem viéra da administração. Todos os homens de sessenta e cinco annos para cima deviam ser despedidos. E assim Pedro se viu atirado para um lado.

Pedro não era trade-unionista; não acreditava nessas coisas; ellas só faziam provocar gréves e a mulher morrêra durante uma gréve; morrêra, elle garantia, porque lhe faltára dinheiro para comprar o alimento necessario. Odiava os dirigentes da União como o veneno. Elles só provocavam o descontentamento e irritavam os patrões contra todos os trabalhadores, fossem ou não da União. Se elle tivesse poderes, declarou muitas vezes, enforcaria todos. Sim, Pedro era um bom empregado, fiel aos patrões. Emquanto que outros resmungavam contra os magros salarios, Pedro dizia que podiam ser peores, mas que com certeza seriam melhores se não tivesse avido gréves.

E era inutil procurar discutir com elle; quando se estava com a razão, elle escarrava, se levantava e partia.

Jamais quiz crêr que os patrões fossem insensiveis e deshumanos. Mas quando teve a prova em preto sobre branco, assignada pelo proprio director, não encontrou uma palavra para dizer.

A' hora do "briquet", nesse dia, os companheiros poderiam ter-se divertido, impondo-lhe a verdade dos velhos argumentos, mas Pedro estava assentado, branco como a morte, os olhos inudados de lagrimas, e elles não tiveram coragem. Era um espectaculo lastimavel, o velho Pedro com as suas desillusões.

Os dias que se seguiram foram para elle dias estranhos. Nunca imaginára que seria atirado para um lado, e sabia que era capaz de dar conta do trabalho ainda durante muitos annos. Mas... não podia comprehender como isso acontecêra. Nunca imaginára que os patrões fossem tão vis. Como poderia viver? A pensão não seria sufficiente, pois, elle tinha que pagar a casa! Então, pela primeira vez, lhe veiu a idéa de que talvez tivesse que deixar a casa que fôra o seu abrigo durante mais de trinta annos. Com certeza não o fariam sahir da casa, dizia a si mesmo; para onde iria? Mas no bolso estava o aviso: "Quatorze dias á parti da data de hoje." E passou-lhe pelo espirito a visão da enorme e fria prisão do hospital.

Esse pensamento o perseguiu dia e noite, e pela primeira vez em trinta annos, soltou as caixas antes que a gaiola parasse; ellas atravessaram as grades com estrepito e cahiram no poço. O fosso ficou entupido o resto do dia.

O director enfureceu-se contra Pedro, insultou-o de todos os nomes conhecidos. Pedro ficou párado, tremendo dos pés a cabeça. Um "sujeito que não presta para nada, um chouriço velho, eis o que és"; e até então o director era a ultima esperança de Pedro. Nessa mesma noite, elle resolveu ir procural-o, falar-lhe, se pôr de joelhos se fosse preciso. Ha dias já que preparava o que devia dizer. Consentiria em fazer o mesmo trabalho por menos dinheiro. Isso devia ser o seu principal argumento. Mas o

director na sua colera, disse-lhe que elle já devia ter sido despedido ha muito tempo; que devia saber que isso tinha que acontecer; tornára-se caro á Companhia, mesmo se trabalhasse de graça.

Esse dia valeu por annos da vida de Pedro.

No dia seguinte deram outra occupação a Pedro e puzeram um rapazola no logar delle, atraz do poço.

Pedro viveu com a esperança de que o rapaz fizesse qualquer tolice, mas, no fim do dia, Pedro soube que subira enorme quantidade de carvão, como ha muitos annos não acontecia. Pela segunda vez na vida Pedro chorou, a primeira vez foi quando morreu a mulher.

Os companheiros compartilharam da sua dôr, talvez de mais, pois todas as sensuras que dirigiam aos patrões só lhe augmentavam o desgosto. Aconselharam - lhe a não se incommodar. Já era tempo delle repousar, trabalhára muitos annos. A pensão assegurava-lhe o sustento, e não ganharia muito mais na mina.

"Ah! quero que me dêem os quinze dias", disse Willie, que tinha seis filhos. "Tenho certeza absoluta que não deixarei ninguem doente."

Mas Pedro não riu com a brincadeira; vivêra para o trabalho, e não podia imaginar a vida valendo a pena ser vivida sem o trabalho.

A' noite ficava assentado perto do fogo recordanos annos passados quanto obtinha sempre uma palavra amavel do director e do contra-mestre. Então ,os dois não podiam passar sem elle. Se acontecia, alguma manhã, não acordar á hora, mandavam um emisario á casa delle, para procural-o. Agora esses dias tinham desapparecido para sempre. Ficariam contentes quando os quatorze dias terminassem, pois fazia um trabalho inutil, simplesmente uma occupação que lhe permittia receber o salario.

Ora, no decimo quarto dia, a primeira coisa que aconteceu de manhã, foi o rapaz que substituia Pedro quebrar a perna. Chamaram Pedro, mas elle não apparecêra. O emissario, mandado á casa delle para buscal-o, voltou sem voz, com os olhos esbugalhados.

Abrira a porta, que não estava fechada á chave, e entrára na casa para encontrar Pedro morto, já frio, pendurado a uma porta.

PINDORAMA

MODESTO de ABREU

Como havia de ser bem linda
a Pindorama dos tapúias meus avós...

Com seu vestido de folhas verdes
enfeitado com balõesinhos coloridos
de frutos verdes e maduros....
.... Que belleza!

Eu queria ter o olhar profano de Cabral
quando bebeu nas praias do meu berço
a belleza das curvas mais bonitas
que a Pindorama tinha no seu corpo...

Eu queria que a retina dos meus olhos
fossem dois globinhos indús
para ver o abraço nervoso dos cipós
no corpo dessa virgem minha mãe...

—

Um dia ....
O dia que não se espera
veio o braço de um pirata
e rasgou o vestido bem novinho
da virgem descuidada...

E o pobre do page
chorou longo tempo
a sua filha profanada...
E o mais valente dos tamoios
morreu de amor por ella...

Eu tenho na alma o choro amargo
dos pagés que foram expulsos
pra longe das tabas destruidas...

Eu guardo com carinho no meu peito
a ultima gotinha de sangue derramada
pelo ultimo tamoio meu irmão...

A Cobra-Prêta na vida da gente

NEWTON BELLEZA

Feliz de quem tem mãe,
mãe gente, mãe terra.
Mãe bôa não é preciso que se diga.
Terra bôa, sim, como a terra brasileira,
porque ha muito terra madrasta por esse mundo de meu Deus.

Mas quando a mãe da gente adormece,
— mãe gente, mãe terra —,
vencida de cansaço se afunda no somno profundo
E a gente dorme tambem confiado
na quentura carinhosa do seio materno,
chupando a seiva do amor,
de cima do telhado de mansinho
desce a cobra preta de mansinho,
toma chegada, de mansinho,
afasta a gente do peito pra chupar,
dando a ponta da cauda pra enganar,
se enrosca na goéla da gente pra não gritar,
apertando de mansinho, com carinho venenoso...

E eu que não posso gritar:
— minha mãe! minha mãe!
é acobra preta que está me dando de mamar!

FEIRA

MAURO MOTTA

Dia de sabado, dia de feira na minha terra!
Logo de manhãzinha,
começam a chegar os cavallos cansados
e tropegos sob o peso dos caçuaes!
As mulheres arrumam as verduras
ainda molhadinhas de sereno, sadias
e frescas nos taboleiros longos.
Que cheiro bom e acido de frutas maduras!
Laranjas, bananas, mangas,
abacaxis, pitombas e cajás
Que movimento intenso nas vendas e nas padarias!
O estalido dos nickeis nos côcos seccos...
As cargas enormes de queijo do sertão e rapaduras
no mercado. Feijão preto e mulatinho.
Rhetorica logar-commum de camelots ridiculos...
Cachimbos. Chapeus de carnaúba.
Expressões da giria prosaica dos coroneis
discutindo o preço do assucar e a politica local.
Fumo de rôlo. Canarios de briga.
Bancas de jogo e paratí!
Moças passeiam no pateo da feira
de sombrinhas abertas.
Um cégo canta ao violão...
As creanças compram panellinhas de barro.
Um bebado quer fazer estrepolia.
Carreiras. Gritaria.
A intervenção
dum soldado empunhando o facão.

A' tardinha, quando a feira se acaba,
vem a carrocinha da Limpeza Publica
juntar as cascas de frutas e os bagaços de canna...
(os moleques procuram os tostões,
que os matutos perderam na areia...)

A Ronda dos Caiporas

Eugenio Gomes

Em tropel, na noite, o turbulento bando
malassombra as moitas da soturna estrada:
são caiporas ageis que vão cavalgando
caititús ariscos, numa disparada.

Que pavor sacode a taciturna selva
quando, a esse tumulto, todo o chão estronda
e a manada errante, na bulhenta ronda,
morde, com mil patas, a entrançada relva!

— Caminheiro, que andas pela noite a dentro,
ai se tu não levas no bornal pendente
a porção de fumo e o frasco de aguardente!

Ranger de dentes, psios, psios,
risinhos, gritinhos, na noite,
e o vento zune, em rodopios,
levando os caiporas de açoite.

E por toda a noite, nessas horas mortas,
retorcendo arbustos, traspassando rios,
a manada corre, corre, aos assobios,
que os demonios soltam pelas bôcas tortas,
e o rilhar de dentes dos brutaes queixadas
cujo rastro mata a relva das malhadas.

— Que a manada errante, na bulhenta ronda,
morde, com mil patas, a entrançada relva...

FESTAS

No baile inaugural do Nictheroy Club

O bloco "Ciranda Cirandinha", campeão do Carnaval de Nictheroy este anno

Na festa de anniversario da Senhorita Stael Vivaqua

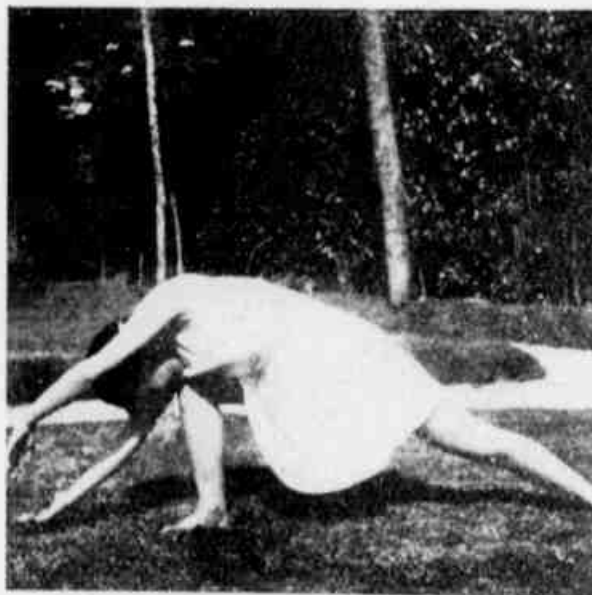
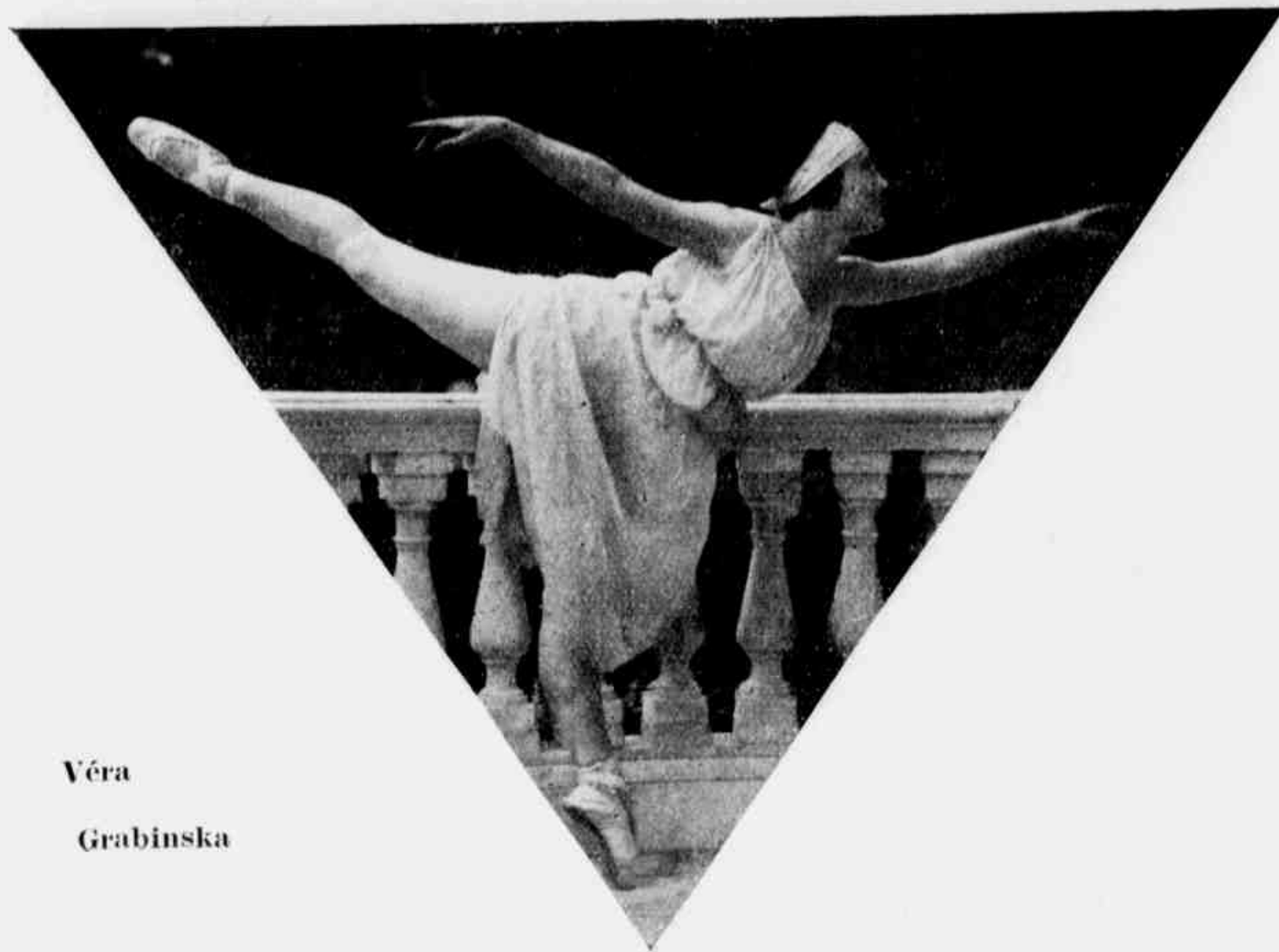
No Botafogo Foot-Ball Club

Photographias de alumnas da Escola de Dansa e Gymnastica Rythmica, dirigida pelos professores Véra Grabinska e Pierre Michailowsky

Lygia de Castro Magalhães

Tres attitudes

de Nylza Rocha

Béa Castro Barreto

Dansa e Gymnastica Rythmica

Véra Grabinska

Margarida Sonnenfeld

Lygia Costa Magalhães
Etelvina Rosa
Laura Assis

Poesia
Musica
Theatro

A actriz
Vera Giordano

A nossa maravilhosa Magdalena Tagliaferro, em Paris, com Alice Raveau

A poetisa
Violeta Branca,
de Manáos

O pianista Arnaldo Rebello na Praça S. Pedro, em Roma

O poeta Zolachio Diniz que acaba de ficar bacharel

(Desenho de Paim)

PASCHOAL CARLOS MAGNO

"ESPLENDOR"

PASCHOAL Carlos Magno é um estheta de attitudes. Ama, acima de tudo, o encanto de um gesto e a superioridade de uma phrase.

Possuindo um agudo senso artistico, procura sempre transformar a monotonia de nossa vida burgueza em motivos de belleza e originalidade.

Ha quem combata as attitudes francas e sinceras do poeta de "Esplendor". Ha tambem quem as defenda. Bastaria, aliás, essa divergencia para definir o seu indiscutivel merito.

Entretanto o que mais aprecio no Poeta é esse poder maravilhoso de transformar os seus detractores de hontem em amigos de hoje.

Um episodio anecdotico, de nosso tempo de estudantes, desenrolado na Faculdade de Direito desta cidade, é uma exemplificação eloquente.

Certa vez a realização de uma festa da Primavera foi causa, nos circulos estudantinos, de uma rapida impopularidade do Poeta. Desenhou-se mesmo um movimento profundamente hostil da parte dos estudantes. Falou-se até em aggressão...

Eu fiquei com Paschoal, e, com elle ficou tambem o ardente tribuno Frota Aguiar e outros jovens de merito.

Ora, uma tarde, ao entrar na Faculdade de Direito com o Poeta, um idiota, que se achava no patamar da escada gritou:

— Cahiu, hein!...

Paschoal Carlos Magno não vacilou e respondeu, com olympica arrogancia:

— Nem toda gente póde cahir, porque nem todos têm a intrepidez das aguias para subirem ás alturas...

Attribúo a esta phrase a sessão, que dias após foi levada a effeito em desagravo dos promotores da Festa da Primavera.

Nenhuma persuasão poderia valer a belleza da attitude.

Paschoal Carlos Magno é indiscutivelmente uma personalidade.

Dos jovens de minha geração é o mas discutido e, portanto, o de maior repercussão.

Não precisa incendiar templos, porque o poeta está predestinado, por seu proprio valor, a um significativo papel na historia de nossa poesia.

E' elle, no momento, o maior poeta da geração. Trazendo ainda em seus versos a poesia doirada do symbolismo e o resoar musical dos condoreiros, unindo ao symbolo a vibração, Paschoal Carlos Magno veio trazer á poesia modernista brasileira o sereno equilibrio, que os exaggeros futuristas haviam usurpado.

Nelle o rythmo é um crystal, onde a sonoridade da forma e a limpidez da idéa se conjugam admiravelmente bem.

Este livro "Esplendor" é verdadeiramente "dannunziano". Não sei de outro adjectivo mais expressivo para qualificar a poesia, limpida e sonora, de Paschoal Carlos Magno

As imagens e as comparações succedem-se simultaneamente, entre o ardor da inspiração e a sumptuosidade da forma.

Cada poesia suggere uma serie de comparações fascinantes, que fazem lembrar as "ghazelas" das anthologias arabicas. Ora, o poeta sente-se:

> "contente como os rios
> que são
> espadas
> liquidas
> sangrando em sons
> o coração da terra!"

Ora, numa inspiração salomonica, entôa o seu "cantico dos canticos":

> Teu amor tem mais fausto que o [arrebol!
> Teu amor tem as sete cores do [arco-iris?
> Teu amor é um turbilhão de [musicas e chammas!
> Teu amor de tão bello e tão [violento,
> enchendo o céo de luz e a [terra de clangores,
> teu amor é um canto de [victoria!
> teu amor é um canto tri-[umphal!

O livro é todo assim, ardente, vibrante, sumptuoso. Nelle Paschoal Carlos Magno se revela um estylizador de symbolos admiravel.

A linguagem é rutilante. Ha certos vocabulos que obsecam o autor e o perseguem tyrannicamente, taes como "luz", "céo", "azul", "sol", "azas"...

O estylo, ora é sereno, ora bravio, com nitidas repercussões onomatopaicas, musicaes:

> A agua que pula allucinadamente
> como um ginete sobre o dorso dos barrancos
> solta as crinas de espuma,
> recua,
> avança,
> mas, na vertigem, crava as patas
> no coração das pedras arrancando
> a musica bravia das cachoeiras...

O effeito é magnifico. O poeta está senhor de sua arte. Sabe interpretal-a com elegancia e limpidez

Vem a pello fazer, aqui, uma observação de linguagem. Neste livro o Poeta diz num verso:

"Soffrer pelas palavras que se disse."

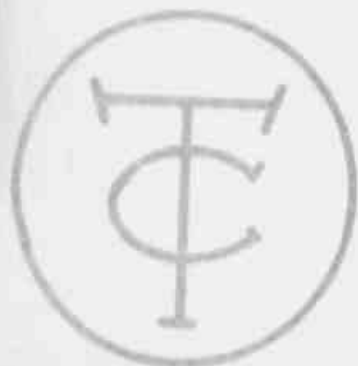
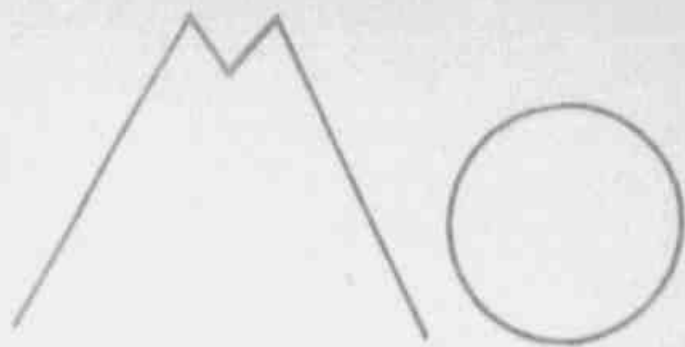
Qualquer grammatico faria desse "se" um "auto-de-fé" inquisitorial e o taxaria erroneamente de "gallicismo". Ora, o facto está consagrado em nossa linguagem falada, e, não se trata de nenhum gallicismo. O "se" sujeito é italianismo, e, em Paschoal Carlos Magnò, que é filho de pais italianos, é uma reminiscencia razoabilissima de sua origem.

Ainda que o facto não estivesse consagrado, bastaria o texto de "Esplendor" para legal-o á posteridade.

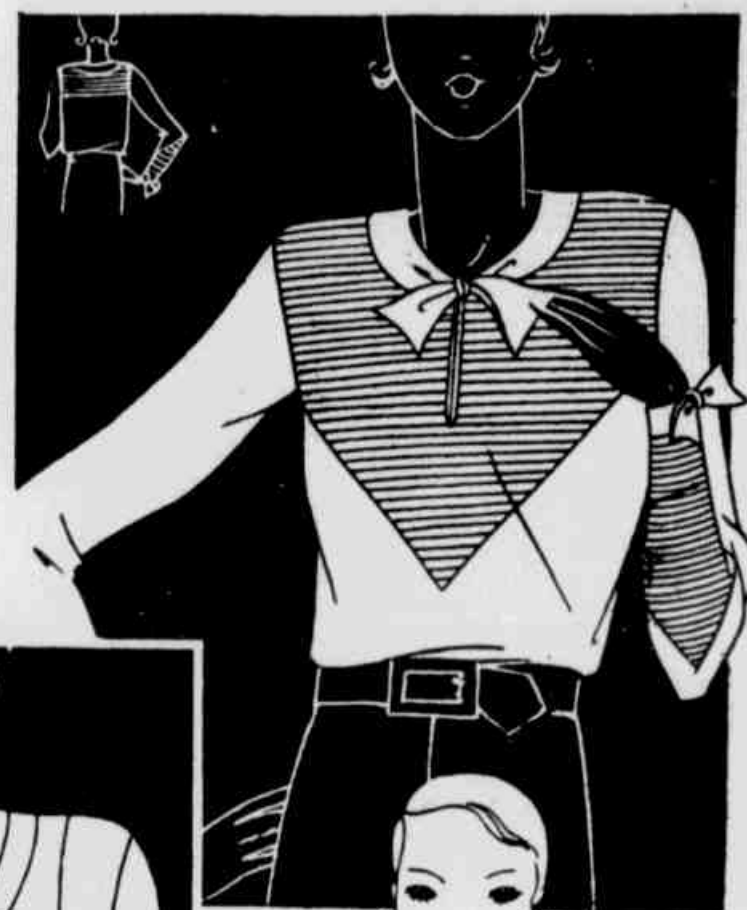
Certamente não cabe, nesta chronica, digressões dessa natureza. De um livro de bellezas, como é "Esplendor" nada se póde dizer de esteril erudição. Basta sentil-o sómente para melhor julgal-o.

JOAQUIM RIBEIRO

Com a chegada do mez de Março, que nos annuncia o outomno, agitam-se os costureiros para apresentarem os primeiros vestidos de meia estação.

Já se póde adiantar que a saia e blusa em tecidos differentes continuarão dominando, principalmente a saia de seda com o minusculo (porque a moda quer que sejam bem curtos e bem justos) sweater de malha:

os vestidos de apparencia simples mas com recortes e appliques que os tornam complicados, e muita fantasia nas golas e gravatas.

Offerecemos hoje quatro ensembles com blusa. O primeiro em crepe setim preto; o segundo em marocain marron; o terceiro em crepe setim preto; o quarto em tweed cinzento e pre-

to. Para cada um fazem-se duas blusas. Exemplo: para o primeiro, uma blusa de crepe da china rosa trabalhada com jours á mão, e outra em crepe setim amarello canario, fechada por duas filas de botões amarellos e pretos; para o segundo, uma blusa de crepe setim branco guarnecida com valenciannas creme, e outra em Georgette rosa com babados de plissé; para o terceiro, uma blusa de Georgette azul turqueza guarnecida de jours feitos com seda grossa e pequenos laços de plissé, e outra em renda creme com duplo jabot e pequena aba; para o terceiro, uma blusa de crepe da China branco com pala e canhões inteiramente pregueados e outra em fino jersey de seda cinzento.

O TRABALHO da SEMANA

E' uma almofada. As almofadas reinam sempre em todos os interiores. A que se vê nesta pagina póde ser pintada ou executada com applicações e os detalhes bordados. De qualquer forma o effeito é magnifico. O medalhão deve ser enquadrado em velludo preto.

Senhora
José Lacerda
no carnaval deste anno

CONTRA O NUDISMO

A Chefatura de Policia de Vienna publicou uma nota avisando que será processado todo excursionista insufficientemente vestido encontrado nas florestas dos arredores. A nota termina com esta declaração:

"No ultimo verão, recebemos innumeras queixas contra a falta de compostura de excursionistas nos arredores de Vienna. Viam-se, muitas vezes, nas florestas vizinhas da capital, mulheres vestidas apenas com uma camisa ou ainda mais summariamente vestidas. Notavam-se tambem, frequentemente, nos trens de suburbios, homens só de sandalias e um minusculo calção de banho. Nos terraços dos cafés da floresta, casaes, tambem quasi despidos inteiramente, offereciam um espectaculo bem pouco esthetico.

"Sem duvida não somos adversarios da cultura physica ao ar livre, mas o publico tem o habito de se entregar a ella nas praias da cidade e nas margens dos rios. Portanto não é necessario fazer o mesmo nas florestas. Os nossos agentes têm ordem de mandar os recalcitrantes se vestirem convenientemente e, em caso de recusa ou de reincidencia, applicar uma multa".

CASAS DE VIDRO

As casas inteiramente de vidro vão conseguindo cada vez mais adeptos. Uma dellas, situada no coração de Paris, está completamente occupada e os habitantes estão enthusiasmados com as suas qualidades. Ha pouco tempo, o "Daily Mail" descreveu uma casa de vidro apresentada em New York como "a casa do futuro".

Helena Sá
no dia da sua Primeira Communhão

Sobre o ponto de vista technico, não era uma casa estrictamente de vidro, pois as paredes exteriores eram de aluminium. As paredes da de Paris são inteiramente de vidro, mas é impossivel, do exterior, ver atravez.

Mais duravel do que os edificios de pedra, os de vidro, como o de Paris, offerecem tambem completa resistencia contra pedradas.

A primeira casa de vidro construida em Paris, fica situada na rua Saint-Guillaume, perto da Sorbonne. Construida em vidro translucido, assemelha-se ás habitações dos esquimáos construidas em gelo. E' collocada de tal forma que obtem o maximo de sol, e os raios de luz atravessando os vidros dão uma claridade diffusa, que é deliciosamente repousante para os olhos.

"As casas de vidro serão as habitações do futuro", declara o architecto Pierre Chareau, as paredes são tão solidas quanto os rochedos, e no que diz respeito á durabilidade, os edificios de tijolos e mesmo de pedra não se podem comparar a ellas.

Tenho certeza que o Paris do futuro contará centenas de casas de vidro construidas em ruellas que, hoje, conseguem difficilmente um pouco de sol. Todas as paredes interiores da minha casa de vidro com tres andares são feitas de forma a obter o maximo de luz. O edificio é construido de tal sorte que, do exterior, não se vê nem mesmo uma sombra.

O material empregado é vidro sem polimento de Saint-Gobain".

OS LIVROS PREFERIDOS POR BYRON

"O genio precoce de Byron vem da leitura dos mestres, em todos os ramos de literatura, pois é impossivel encontrar quem tenha lido mais do que elle", escreveu Ruskin. O jornal e a "Correspondencia" do autor de "Childe Harold", testemunham esse gosto que nunca desfalleceu. Fazer o inventario da bibliotheca de Byron não seria facil. Elle devia começar pela Biblia. Em outubro de 1821, escrevendo de Ravenne, onde se encontrava, a John Murray, Byron pedia-lhe, entre outros livros "uma Biblia commum com uma impressão facil de se ler, encadernada em couro da Russia". "Tenho uma, accrescentou elle, mas é um presente de minha irmã

Senhora
Arnaldo Dogéllo de Miranda
(Sylvia Monteiro) no dia do seu enlace

(que com certeza não verei nunca mais); só posso me servir della com muita precaução", e continuava:

"Por favor não se esqueça do meu pedido, pois sou um fervoroso leitor e admirador desses livros que leio e releio desde antes dos oito annos. Falo do Antigo Testamento; o Novo, sempre o considerei como uma penitencia e o Antigo um prazer".

Mas Byron lia principalmente romances; entre os preferidos estavam os de Walter Scott. "Wawerley, escreveu elle, particularmente, é o romance melhor e mais interessante que li depois... não sei mais depois de quando".

POESIA PROLETARIA

Tristan Rémy, no prefacio da primeira anthologia de poesia proletaria: "Doze Poetas", declara que as correntes litterarias reflectem sempre o espirito de uma collectividade. A litteratura actual é a litteratura da classe dominante; a litteratúra proletaria se desenvolve rapidamente porque responde a uma necessidade historica, a uma necessidade social, á psychologia do proletariado.

"Existe em cada casa um homem para o qual a vida se resume na conquista de uma fatia de pão com mais ou menos manteiga. Muitos escriptores acceitaram sem temel-a, a submissão do individuo ás necessidades vitaes do meio. Projectaram o homem adiante do seu tempo. Continuam uma tradição. Para que compendios de Poesia? Porque a Poesia é uma fórma de arte e nada que diz respeito á arte deve ser estranho aos trabalhadores. E' preciso entregar ao povo o que lhe pertence, readaptal-o a uma ferramenta da qual elle conheceu os recursos e da qual se viu privado depois que a Poesia foi codificada pelos doutores..."

DE SPINOZA

— O orgulho extremo como a extrema humildade é um signal de extrema ignorancia de si mesmo.

— A razão não ordena coisa alguma que seja contra a natureza.

— Os homens se consideram livres porque são conscientes das acções que praticam, mas ignoram as causas pelas quaes ellas são determinadas.

— Não attribuo á natureza nem belleza nem fealdade, nem ordem nem confusão porque as coisas só são bellas ou feias, organisadas ou confusas, aos olhos da nossa imaginação.

"ŒDIPO"

Ludmilla e Georges Pitoeff acabam de crear no "Palais des Beaux-Arts" de

Bruxellas a ultima peça de André Gide: "Œdipo".

Numa carta a Georges Pitoeff o autor disse: "E' um drama. Quero dizer que a graça se liga estreitamente ao tragico. Espero commover, mas ficarei desapontado si não rirem. O que temo acima de tudo, é a declamação, a triste emphase, tudo isso que não géra, que aborrece. Você tambem, eu sei, pensa como eu, de sorte que o seu trabalho sem fausto nem pompa sabe se conservar humano atravez do sobre-humano do seu papel. E sei tambem que os actores que lhe secundam saberão fazer comprehender aos espectadores que não têm nada a temer, onde o meu texto convida a isso, e si lhes agrada riam bastante."

Gide encontrou na narrativa de Sophocle muitos pretextos ás theorias que tanto aprecia para não as desenvolver no curso do drama. Œdipo é o homem feliz ao qual occultam a verdade, a infelicidade. Ha em torno delle a conspiração da mulher e do cunhado que lhe dissimulam que é elle o assassino do pae. Essa situação confusa é completada pela vinda dos filhos de Œdipo: Antigona, Eteocle, Polynice, Ismene. Os tres ultimos se confessam os amores incestuosos embora os conselhos de Antigona. Tirésias, o preceptor cego, é o juiz. Banido, Œdipo deixa Thebas que o chorará dentro de pouco pois a terra que deve conter a sua sepultura será abençoada.

Graça muito bizarra mas Sophocle tambem a indica. A mythologia como todas as religiões tem os seus mysterios!

Respeitando o quadro da tragedia, Gide soube renoval-o com detalhes que commovem mais por estarem mais perto da nossa inquietude.